

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/
HISTÓRIA

CAMILA LIMA DE ABREU

**GEOGRAFIA ANTIRRACISTA NO COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO NO
MUNICÍPIO DE CODÓ, MARANHÃO**

CODÓ-MA

2026

CAMILA LIMA DE ABREU

**GEOGRAFIA ANTIRRACISTA NO COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO NO
MUNICÍPIO DE CODÓ, MARANHÃO**

Artigo apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ História, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em História.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Pereira Correia.

CODÓ-MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima de Abreu, Camila.

GEOGRAFIA ANTIRRACISTA NO COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO
NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MARANHÃO / Camila Lima de Abreu. -
2026.

26 p.

Orientador(a): Fabiana Pereira Correia.

Curso de Ciências Humanas - História, Universidade
Federal do Maranhão, Codó, Maranhão, 2026.

1. Geografia Antirracista. 2. Terreiros. 3. Terecô.
4. Codó. I. Pereira Correia, Fabiana. II. Título.

CAMILA LIMA DE ABREU

Artigo apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ História, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em História.

Codó - MA, 07/ janeiro/ 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiana Pereira Correia

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Orientadora

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Examinador Interno

Profa. Me. Yaisa Domingas de Carvalho Miguel

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Examinadora Externa

Codó-MA

2026

À Milta Silva de Souza (*in memoriam*), por tudo o que me ensinou e por tudo o que fez. Obrigada, mãe. Conseguimos! Queria que estivesse aqui comigo.

Resumo

Este artigo analisa sob a perspectiva da Geografia Antirracista, o racismo religioso e suas implicações sobre Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó, importante centro de afroreligiosidades, como o Terecô. O racismo religioso manifesta-se, por exemplo, por meio da estigmatização das religiões de matriz afro-brasileira, associando-as afroreligiosidades a práticas vistas como "demoníacas", um reflexo do legado colonial. O objetivo geral é evidenciar potencialidades da Geografia Antirracista no combate ao racismo religioso no município de Codó. Em relação a metodologia, lança-se mão da articulação entre a Geografia Antirracista e a Geografia Cultural Humanista, destacando-se a perspectiva qualitativa fenomenológica. Os resultados evidenciam casos de racismo religioso recorrentes, como insultos e o lançamento de "água ungida", perpetuadas pela omissão do poder público. Contudo, os terreiros se consolidam como lugares poderosos de resistência e identidade. Além disso, ficou nítida a relevância da Geografia antirracista para o combate ao racismo religioso em Codó e sugere políticas públicas norteadas por instrumentos políticos como a Lei 10.639/03, para o combate ao racismo religioso.

Palavras-chave: Geografia Antirracista. Terreiros. Terecô. Codó.

Abstract

This article analyzes, from the perspective of Anti-Racist Geography, religious racism and its implications for Traditional Terreiro Communities in Codó, an important center of Afro-religious practices, such as Terecô. Religious racism manifests itself, for example, through the stigmatization of Afro-Brazilian religions, associating them with practices seen as "demonic," a reflection of the colonial legacy. The general objective is to highlight the potential of Anti-Racist Geography in combating religious racism in the municipality of Codó. Regarding methodology, the article employs the articulation between Anti-Racist Geography and Humanistic Cultural Geography, emphasizing the qualitative phenomenological perspective. The results show recurring cases of religious racism, such as insults and the throwing of "anointed water," perpetuated by the omission of public authorities. However, the terreiros (religious centers) are consolidated as powerful places of resistance and identity. Furthermore, the relevance of anti-racist Geography to combating religious racism in Codó became clear, and it suggests public policies guided by political instruments such as Law 10.639/03 to combat religious racism.

Keywords: Anti-racist Geography. Terreiros. Terecô. Codó.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	11
2.1 Métodos e referencial epistemológico	12
2.2 Procedimentos metodológicos	15
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
3.1 Afrorreligiosidades codoenses á luz da Geografia Antirracista	18
3.2 Expressões do racismo religioso que atinge Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó	20
3.3 “Caminhos abertos” e diretrizes para políticas públicas de combate ao racismo religioso em Codó sob a perspectiva da Geografia Antirracista	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta do plano de trabalho “Identificação de casos de racismo religioso que atingem Comunidades Tradicionais de Terreiro e seus lugares sagrados no município de Codó, Maranhão”, desenvolvido entre 2024 e 2025 no âmbito do Grupo de Pesquisa Geocultural Maranhão, com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A pesquisa foi concebida em função da necessidade de compreender, sob a perspectiva da articulação entre a Geografia Antirracista e a Geografia Cultural Humanista, como o racismo religioso estrutura práticas, discursos e vivências que afetam diretamente Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó e seus lugares sagrados.

A pesquisa concentra-se na realidade do município de Codó, território maranhense amplamente reconhecido por sua diversidade religiosa e por ser considerado o “berço” do Terecô (Ferretti, 2000), manifestação religiosa de matriz africana que compõe o patrimônio cultural local. Apesar da forte presença de afrorreligiosidades, a cidade carrega o estigma histórico e midiático de “Capital da Magia Negra”, rótulo que reforça visões distorcidas e racistas sobre as tradições africanas. Essa tensão entre reconhecimento cultural e estigmatização revela contradições profundas que justificam a relevância desta investigação.

As manifestações do racismo religioso estão diretamente relacionadas ao processo de formação social brasileiro, marcado pela escravidão, pela colonização e pela imposição de uma cultura hegemônica de matriz europeia. Como destaca Silvio Almeida (2019), o racismo não deve ser entendido como conjunto de incidentes isolados, mas como sistema de opressão que organiza e hierarquiza grupos humanos, atribuindo à negritude significados de subalternidade e violência.

No campo religioso, esse sistema se expressa de forma especialmente perversa. As religiões de matriz africana, entre elas o Candomblé, a Umbanda e o Terecô, tornam-se alvo de perseguições, estigmatizações e violências que

ultrapassam a esfera individual e se materializam nos lugares sagrados e na vida cotidiana das Comunidades Tradicionais de Terreiro.

A construção desta pesquisa parte sobretudo do diálogo entre Geografia Antirracista, Geografia Cultural Humanista e conhecimentos produzidos pelo movimento negro, entendendo que o racismo atravessa tanto a vida das pessoas quanto a forma como os espaços são produzidos. Frantz Fanon ajuda a compreender que o racismo não é algo pontual, ele se instala dentro das relações, afeta a forma como as pessoas negras são vistas e como passam a se ver, deixando marcas profundas na subjetividade e no modo de estar no mundo. Grada Kilomba reforça essa ideia ao mostrar que o racismo segue vivo nas narrativas e no cotidiano, reorganizando comportamentos, discursos e expectativas sociais que mantêm hierarquias e desigualdades.

A partir dessa compreensão, o racismo religioso aparece como expressão específica desse sistema, pois transforma tradições africanas e saberes ancestrais em alvos de demonização, medo e violência. Essa distorção histórica sustenta perseguições e justificativas para a deslegitimação das religiões de matriz africana. É nesse ponto que o olhar de Geny Ferreira Guimarães (2019) se torna fundamental, ela propõe uma Geografia Antirracista que não só revela essas violências, mas também reconhece a força criadora das comunidades negras na construção de identidades, vínculos e territórios de resistência.

Na Geografia, discussões sobre lugar e geografidades encontram apoio em autores como Yi-Fu Tuan e Éric Dardel, que lembram que os espaços ganham significado a partir das experiências, das emoções e das relações que as pessoas constroem ali. O lugar não é apenas um ponto no mapa, é vivido, sentido e lembrado. Assim, para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, o lugar sagrado não é apenas onde os rituais acontecem, mas o centro da vida comunitária, onde memória ancestral, espiritualidade e resistência se encontram. É nesse território simbólico e concreto que o Terecô afirma sua geograficidade, uma maneira própria de existir, cuidar e resistir no mundo.

Durante o período de pesquisa, o trabalho de campo se concentrou especialmente em dois terreiros: Tenda Espírita de Umbanda e Terecô Nossa Senhora da Conceição, conduzida pela Zeladora de Santo Teresinha de Jesus

Guilhon Trindade, e o Terreiro da Trindade São Sebastião e Santa Bárbara, liderado pela Zeladora de Santo Maria da Piedade Fontes Alves Cruz. O convívio com essas Comunidades Tradicionais de Terreiro permitiu compreender suas vivências, desafios e as diversas formas de enfrentamento às violências que vivem.

Os relatos compartilhados por praticantes e lideranças revelam que o racismo religioso em Codó não é algo pontual. Ele se manifesta com frequência por meio de discursos e práticas de determinados grupos que associam as religiões de matriz africana à figura do "diabo". Essa interpretação, além de equivocada, alimenta atos hostis como insultos, intimidações, ataques simbólicos e o lançamento de "água unvida" nas imediações dos terreiros. Essas ações ferem a dignidade das pessoas que constroem sua fé no Terecô e reforçam preconceitos históricos.

Esse cenário se agrava pela ausência de respostas efetivas por parte do poder público municipal. Mesmo com leis que asseguram a liberdade religiosa e criminalizam práticas discriminatórias, a proteção às comunidades de terreiro em Codó tem sido insuficiente. A falta de apoio institucional fragiliza ainda mais os lugares sagrados e compromete a segurança de seus frequentadores.

Diante desse contexto, esta pesquisa buscou evidenciar potencialidades da Geografia Antirracista no combate ao racismo religioso no município de Codó.

Esses lugares sagrados, bem como os Terreiros revelam formas de existência e resistência que confrontam as narrativas de marginalização e as violências raciais presentes no cotidiano de Codó. O trabalho parte da escuta atenta dos relatos, memórias e percepções de lideranças e praticantes, que convivem continuamente com situações de preconceito, desrespeito e ataques simbólicos e materiais.

A investigação também se propôs a contribuir para o fortalecimento do enfrentamento ao racismo religioso, chamando atenção para a necessidade de valorização das afroreligiosidade, bem como políticas públicas municipais que assumam uma postura verdadeiramente antirracista.

Para alcançar esses propósitos, a pesquisa adotou uma metodologia qualitativa de base fenomenológica, combinando levantamento documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Essa escolha metodológica permitiu um olhar mais próximo das experiências vividas, respeitando os sentidos atribuídos aos lugares sagrados pelas pessoas que neles habitam e se reconhecem.

É importante ressaltar que os resultados aqui apresentados são decorrentes da execução do plano de trabalho desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre setembro de 2024 e agosto de 2025. Esse período possibilitou o amadurecimento da investigação, o aprofundamento das análises e o diálogo constante com as comunidades, fortalecendo vínculos e permitindo que a pesquisa se aproximasse verdadeiramente de seus territórios e de suas realidades.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi estruturada de forma a acolher a complexidade do fenômeno investigado e a permitir uma aproximação cuidadosa com Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó. Como o racismo religioso se manifesta tanto nas práticas cotidianas quanto na forma como os lugares sagrados são vividos, tornou-se essencial utilizar caminhos que possibilitassem um olhar atento às experiências, às percepções e às relações construídas nos lugares pesquisados.

A abordagem metodológica, portanto, priorizou a escuta, a sensibilidade e o respeito às especificidades culturais, espirituais e territoriais do Terecô e das pessoas que o vivenciam.

A metodologia foi organizada em dois eixos principais. O primeiro apresenta os métodos e o referencial epistemológico que sustentam a parte teórica. O segundo reúne os procedimentos metodológicos que orientaram os trabalhos de campo e as interpretações dos dados. Juntos, esses eixos compõem a base que permitiu compreender dimensões simbólicas e materiais das comunidades pesquisadas.

2.1 Métodos e referencial epistemológico

A construção metodológica da pesquisa derivou de um compromisso ético e sensível com as Comunidades Tradicionais de Terreiro. Investigar racismo religioso exige reconhecer que esse fenômeno atravessa dimensões profundas da vida cotidiana, da espiritualidade e do território dessas comunidades. Por isso, optou-se por uma abordagem qualitativa inspirada na fenomenologia, que permite escutar e compreender os sentidos que as pessoas atribuem aos lugares onde vivem e praticam sua fé.

A obra de Yi-Fu Tuan foi uma referência essencial para entender o papel das experiências e dos afetos na construção dos lugares. Para ele, o espaço se transforma em lugar quando passa a carregar memórias, emoções e vínculos que nascem da convivência humana.

Essa reflexão ajudou a compreender que os terreiros estudados são mais do que ambientes materiais, porque guardam histórias, saberes e sentimentos que moldam o pertencimento e sustentam a vida comunitária. A ideia de topofilia (amor ao lugar) presente na obra de Tuan se revela nas práticas, nos gestos e na maneira como as pessoas se conectam com seus espaços sagrados.

As contribuições de Éric Dardel também dialogam com este estudo. Dardel destaca que o mundo é primeiro vivido e sentido, antes mesmo de ser pensado. Essa compreensão reforça a importância da experiência sensível para interpretar a relação entre pessoas e lugares.

Nas comunidades de terreiro, essa relação aparece de forma intensa e afetiva, marcada pela ancestralidade, pela espiritualidade e pelo cuidado com o sagrado. A obra de Dardel ajudou a reconhecer que o território é vivido como um tecido de significados e não apenas como um espaço delimitado.

A perspectiva de Edward Relph complementa essa discussão ao tratar da identidade do lugar e dos sentimentos de pertencimento. Relph destaca que os lugares possuem identidades próprias, construídas pelas experiências e relações que acontecem neles.

No contexto do Terecô, essa reflexão permite perceber como o racismo religioso tenta romper vínculos, negar identidades e fragilizar tradições. Sua obra

foi importante para compreender como a violência simbólica e material afeta diretamente a vivência dos terreiros e a forma como seus praticantes se reconhecem neles.

As contribuições de Centiny (2015) ajudam a compreender o Terecô a partir da vivência dos próprios terreiros de Codó. Ao valorizar as falas e as práticas dos praticantes, o autor mostra que o terreiro é um lugar construído pelas relações, pela espiritualidade e pela memória coletiva. Sua pesquisa contribui para reconhecer o Terecô como uma religião e para dar visibilidade a saberes que historicamente foram silenciados.

No campo da Geografia da Religião, Zeny Rosendahl oferece contribuições fundamentais ao mostrar que a religião organiza territórios e práticas, produzindo espacialidades específicas. Rosendahl demonstra que o espaço religioso é construído por meio de símbolos, rituais e significados que orientam a vida comunitária.

Essa perspectiva foi essencial para este estudo, pois permitiu compreender como os terreiros estruturam práticas espirituais que organizam as rotinas, os vínculos e a identidade coletiva das comunidades pesquisadas.

Reflexões de Gil Filho também se tornaram bases importantes por destacaram que o sagrado produz espacialidades próprias. Para o autor, os rituais, os objetos simbólicos e a presença da ancestralidade moldam a forma como os espaços religiosos são organizados e vividos. Essa discussão ajudou a reconhecer os elementos que compõem o território simbólico do Terecô, incluindo objetos, gestos, cantos e modos específicos de se relacionar com o sagrado.

A perspectiva cultural de Clifford Geertz contribuiu ao possibilitar a compreensão da religião como sistema de significados. Geertz destaca que os rituais religiosos orientam modos de entender o mundo e de construir valores, o que permite visualizar como o Terecô fortalece a identidade comunitária e produz sentidos que orientam resistências históricas. Sua concepção de religião como cultura ajudou a interpretar os rituais do Terecô como práticas que dão sentido à vida cotidiana, ao pertencimento e ao enfrentamento das violências racistas.

No campo da Geografia Antirracista, obra de Geny Ferreira Guimarães e Alex Ratts ofereceram leituras fundamentais ao entendimento de que o racismo é uma estrutura presente nas instituições, relações e práticas sociais. Nesse sentido, a Geografia Antirracista foi essencial para analisar o racismo religioso em Codó como parte de um sistema maior, que busca deslegitimar saberes e tradições de matriz africana. Ideias de Guimarães e Ratts ajudaram a compreender como as violências se repetem, se normalizam e atingem diretamente os territórios e os lugares sagrados das comunidades negras.

As reflexões de Frantz Fanon também foram determinantes para compreender as dimensões subjetivas do racismo. Fanon explica como o racismo cria feridas psicológicas profundas, marcadas por desumanização, medo e rupturas identitárias. Esse olhar foi necessário para entender os impactos emocionais e simbólicos que recaem sobre praticantes do Terecô quando seus lugares sagrados sofrem ataques e desrespeito.

A obra de Grada Kilomba complementa essa discussão ao mostrar como narrativas racistas se repetem e se sustentam ao longo do tempo. Kilomba (2019) explica que discursos coloniais ainda moldam imaginários e práticas do cotidiano, especialmente quando tratam tradições africanas como símbolos de perigo ou negatividade. Essa perspectiva ajudou a interpretar como a demonização das afroreligiosidades reforça estruturas racistas e cria barreiras para o reconhecimento dessas tradições como patrimônios culturais legítimos.

Por fim, o pensamento de Beatriz Nascimento contribuiu com a compreensão dos territórios negros como espaços de memória, criação e resistência. Sua reflexão sobre quilombos mostrou que os territórios construídos por comunidades negras são também espaços de proteção simbólica e afirmação coletiva. Essas ideias foram essenciais para interpretar os terreiros como herdeiros da resistência negra, onde a espiritualidade e a ancestralidade fortalecem modos próprios de existir diante do racismo religioso.

A Fenomenologia orientou os “caminhos” da pesquisa ao reconhecer o valor da experiência vivida como fonte legítima de conhecimento. Essa abordagem permitiu escutar as comunidades, observar seus espaços e

compreender seus significados a partir das pessoas que constituem e vivenciam seus lugares sagrados.

2.2 Procedimentos metodológicos

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa adotou um conjunto amplo e integrado de procedimentos metodológicos que possibilitaram tanto a aproximação com as comunidades quanto a sistematização das informações necessárias para compreender o racismo religioso em Codó. Todos os procedimentos foram realizados com atenção ao respeito, à ética e à sensibilidade cultural, reconhecendo que os terreiros são espaços sagrados de profunda importância espiritual para seus membros.

O primeiro passo consistiu na revisão bibliográfica e documental, que permitiu construir a base teórica da pesquisa. Esse procedimento incluiu obras da Geografia Antirracista, textos da Geografia da Religião, estudos sobre racismo estrutural e racismo religioso, produções antropológicas sobre afroreligiosidades e pesquisas específicas sobre o Terecô e sobre Codó. A revisão ajudou a compreender a complexidade histórica e simbólica das práticas religiosas afro-brasileiras e a situar o caso de Codó no contexto de uma realidade nacional marcada por violência religiosa e discriminação racial.

Em seguida, iniciou-se o processo de aproximação com as lideranças dos terreiros, etapa essencial para a realização dos trabalhos de campo. Foram realizadas conversas preliminares (figura 1), visitas iniciais e apresentação dos objetivos da pesquisa, sempre com transparência e abertura ao diálogo. Esse contato permitiu estabelecer relações de confiança e compreender as dinâmicas internas de cada terreiro. Também possibilitou conhecer a rotina dos terreiros, as práticas rituais, os festejos, os períodos de maior movimento e aqueles reservados para atividades específicas.

Figura 1 - Conversa com a Zeladora de Santo Teresinha de Jesus Guilhon



Fonte: arquivos da pesquisa. (2025)

A partir dessas conversas, foi elaborado e refinado um roteiro de entrevista semiestruturada, concebido para estimular os membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro a compartilhar experiências, memórias e percepções sobre racismo religioso. As entrevistas foram aplicadas com autorização dos participantes e realizadas em ambientes tranquilos dentro dos próprios terreiros (figura 2), garantindo que as pessoas se sentissem confortáveis para falar sobre temas sensíveis. As falas registradas revelaram relatos de violência simbólica, discriminação, estigmatização, medo, mas também orgulho, força coletiva e estratégias de proteção construídas de forma comunitária.

Figura 2 - Aplicação de entrevista com membros da casa do Terreiro da Trindade São Sebastião e Santa Barbara.



Fonte: arquivos da pesquisa. (2025)

Outro procedimento central foi a observação participante, conduzida durante visitas aos terreiros, participação em festejos (figura 3), rituais e encontros comunitários. A observação permitiu vivenciar diretamente as práticas e os significados atribuídos aos lugares sagrados, oferecendo uma compreensão profunda do valor espiritual e afetivo dos espaços. Estar presente nas cerimônias possibilitou captar aspectos que dificilmente emergiriam apenas em entrevistas, como as expressões corporais, a musicalidade, a disposição dos elementos rituais e os modos de acolhimento entre membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro.

Figura 3 - Visita do Grupo de Pesquisa Geocultural Maranhão à Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá



Fonte: arquivos da pesquisa. (2024)

Também foram realizados registros fotográficos, sempre com consentimento, para documentar elementos materiais e simbólicos dos terreiros. As fotografias buscaram captar a espacialidade, os objetos de culto, as áreas externas, os assentamentos e momentos de celebração, compondo um acervo visual que dialoga com a compreensão geográfica dos lugares sagrados.

Com base nos dados e informações coletadas em campo, foi criado um banco de dados para facilitar a organização das informações obtidas nas entrevistas, das fotografias, anotações de campo e dos documentos consultados. A sistematização desse material permitiu arquivar os casos de racismo religioso identificados, perceber padrões de violência e compreender

como cada Comunidade Tradicional de Terreiro se posiciona diante das agressões sofridas.

Por fim, toda a pesquisa foi acompanhada por reuniões quinzenais com o Grupo de Pesquisa Geocultural Maranhão, que contribuíram para reflexões teóricas, para o refinamento metodológico e para o amadurecimento das interpretações ao longo do processo investigativo.

Esses procedimentos, articulados de forma integrada, permitiram compreender o racismo religioso a partir das vivências e das territorialidades das comunidades de terreiro, garantindo um olhar comprometido com a realidade local e com a valorização das vozes que são historicamente silenciadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente segmento do artigo destina-se à análise dos resultados obtidos. A pesquisa articulou a fundamentação teórica com os trabalhos de campo, buscando identificar formas de manifestação e implicações do racismo religioso que atinge Comunidades Tradicionais de Terreiro, notadamente as praticantes do Terecô.

Os achados demonstram, por um lado, que o racismo religioso se configura como fenômeno estruturante na sociedade codoense, sendo reflexo direto do legado colonial que estigmatiza a negritude e suas práticas; por outro lado, o estudo evidencia a notável capacidade de resiliência e a importância geográfica dos terreiros, que se consolidam como autênticos territórios de resistência e pertencimento cultural.

3.1 Afrorreligiosidades codoenses á luz da Geografia Antirracista

As observações realizadas nos terreiros e as entrevistas com lideranças religiosas evidenciaram que as afrorreligiosidades em Codó se organizam e se mantêm em um contexto marcado por tensões constantes, nas quais o racismo religioso se manifesta como uma prática cotidiana e estrutural.

Longe de se apresentar apenas como episódios isolados de racismo religioso, o fenômeno revelou-se profundamente enraizado nas dinâmicas

socioespaciais do município, incidindo diretamente sobre a vivência da religião, a ocupação do território e o reconhecimento social das Comunidades Tradicionais de Terreiro.

Autores como Munanga (2006; 2019) e Correia (2020) foram fundamentais para compreender o racismo religioso como uma forma de violência que ultrapassa o preconceito individual, manifestando-se como elemento estruturante das relações sociais brasileiras. Em diálogo com essa perspectiva, a análise geográfica foi sustentada pelos conceitos de Topofilia, formulados por Tuan (1980), e pelas reflexões de Rosendahl (2018) acerca da sacralidade e da territorialidade, permitindo interpretar os terreiros não apenas como espaços físicos, mas como “lugares pensantes” e de resistência cultural.

Nessa direção, as contribuições de Ahlert *et al.* (2024) reforçam a compreensão de Codó como um cosmo pensante, no qual as práticas afroreligiosas, os lugares sagrados e as relações simbólicas produzem sentidos próprios de existência e pertencimento. Essa abordagem assegurou que a dimensão simbólica e a relevância identitária dos lugares sagrados ocupassem posição central na análise.

A análise das entrevistas revelou que o racismo religioso se expressa, sobretudo, por meio da desqualificação moral e espiritual das práticas afroreligiosas, frequentemente associadas à noção de perigo, impureza ou malignidade. Tal associação, reiterada no cotidiano urbano e nas falas de grupos religiosos hegemônicos, produz impactos diretos sobre a forma como os terreiros são percebidos socialmente e como seus praticantes se relacionam com o espaço público. Essa dinâmica evidencia que o racismo religioso não atua apenas no plano simbólico, mas interfere concretamente na territorialidade dessas comunidades, restringindo sua visibilidade e seu direito à cidade.

As observações participantes permitiram compreender que, apesar desse cenário adverso, os terreiros se afirmam como territórios de resistência. A realização das festas tradicionais e a transmissão dos saberes ancestrais funcionam como estratégias de enfrentamento ao racismo religioso, reafirmando a legitimidade das afroreligiosidades no espaço urbano codoense.

Outro aspecto recorrente nos depoimentos refere-se à ausência ou insuficiência de ações do poder público voltadas à proteção dos terreiros e ao enfrentamento do racismo religioso. As lideranças relataram a falta de apoio institucional, a inexistência de políticas específicas e a dificuldade de acesso a mecanismos formais de denúncia, o que contribui para a naturalização das violências sofridas. Essa omissão institucional reforça a vulnerabilidade das comunidades e evidencia o caráter estrutural do racismo religioso, que se sustenta tanto por ações diretas de racismo quanto por silenciamentos e negligências do Estado.

3.2 Expressões do racismo religioso que atinge Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó

As expressões de racismo religioso vivenciadas pelas Comunidades Tradicionais de Terreiro em Codó se manifestam de forma recorrente e multifacetada, atingindo tanto os lugares sagrados quanto a vida cotidiana de pais, mães e filhos de santo. Os episódios relatados revelam que essas violências não se configuram como fatos isolados, mas como práticas que interferem diretamente na liberdade religiosa, na preservação dos símbolos sagrados e na permanência desses territórios no espaço urbano. Ao se materializarem em ações concretas, tais expressões evidenciam a vulnerabilidade a que essas comunidades estão submetidas.

No Terreiro da Trindade São Sebastião e Santa Bárbara, um filho de santo relatou que, durante sua ausência em casa, uma vizinha adentrou sua residência e quebrou todos os seus objetos religiosos. O ocorrido representa uma violação profunda do espaço privado e do direito à livre manifestação da fé, uma vez que os objetos destruídos concentram significados espirituais essenciais para a vivência religiosa do praticante. A gravidade desse episódio pode ser melhor compreendida a partir das próprias palavras do entrevistado, apresentadas a seguir.

“Uma vizinha entrou na minha casa quando eu não estava e destruiu todas as minhas imagens e objetos da minha religião”

Ainda no Terreiro da Trindade, a Mãe de Santo relatou que, em determinada ocasião, uma pessoa entrou no lugar sagrado e quebrou imagens religiosas. Apesar do impacto causado pela ação, nenhuma denúncia foi formalizada, pois os responsáveis pertenciam ao seu círculo familiar. Esse relato evidencia como o racismo religioso também pode se manifestar no interior das relações familiares, produzindo silenciamentos e dificultando o enfrentamento institucional da violência.

Outro caso ocorrido no mesmo terreiro refere-se às agressões verbais sofridas por uma filha de santo, que afirmou ouvir com frequência termos pejorativos como “macumbeira”. Embora reconheça o caráter discriminatório dessas ofensas, a praticante relatou não reagir, compreendendo essa postura como uma estratégia de autoproteção. Esse relato revela como a violência simbólica se naturaliza no cotidiano das pessoas de terreiro, sendo frequentemente enfrentada por meio do silêncio.

Na Tenda Nossa Senhora da Conceição, a Zeladora de Santo Terezinha de Jesus Guilhon relatou um episódio ocorrido durante a realização de seu festejo tradicional, quando um homem ateou fogo à porta do terreiro. O ato colocou em risco o lugar sagrado e as pessoas presentes, configurando uma agressão direta à manifestação pública da religião. A denúncia foi realizada através de um boletim de ocorrência. Ainda assim, nenhuma providência por parte do poder público foi tomada, o que evidencia a falta de providência e a sensação de vulnerabilidade e a ausência de confiança nas instâncias responsáveis pela proteção desses lugares. O episódio pode ser melhor compreendido a partir das próprias palavras da mãe de Santo, apresentadas a seguir.

Eu estava dentro do barracão quando ouvi aquele movimento e quando dei conta, um homem ateou fogo na porta do meu barracão. Fui à delegacia e registrei um boletim de ocorrência, mas nada foi resolvido.

Outro relato proveniente da Tenda Nossa Senhora da Conceição foi apresentado por uma filha de santo que afirmou ter sofrido violência verbal enquanto se deslocava para o terreiro. A praticante relatou ter sido alvo de

xingamentos motivados por sua religião, demonstrando que o racismo religioso extrapola os limites dos lugares sagrados e se manifesta também nos trajetos cotidianos pela cidade. Assim como nos demais casos, a violência não foi comunicada às autoridades competentes.

A recorrente ausência de denúncias nos casos relatados revela um padrão significativo na vivência das Comunidades Tradicionais de Terreiro em Codó. Pais, mães e filhos de santo demonstram descrença na atuação do poder público e na efetividade da justiça institucional, compreendendo que dificilmente haverá respostas concretas às violências sofridas.

Diante dessa realidade, muitos optam por confiar na chamada “justiça de Deus” em detrimento da justiça dos homens, recorrendo à fé como principal forma de enfrentamento das agressões. Essa postura evidencia como o racismo religioso se sustenta não apenas pela ação direta dos agressores, mas também pela omissão do Estado, contribuindo para o silenciamento das vítimas.

Os relatos apresentados, quando analisados de forma articulada, evidenciam a importância da sistematização das informações referentes às violências sofridas pelas Comunidades Tradicionais de Terreiro. A organização dos casos de racismo religioso, aliada às informações sobre o histórico das lideranças, os tipos de práticas religiosas desenvolvidas em cada casa e a localização dos terreiros, permite transformar experiências individuais de violência em dados socialmente relevantes.

Essa sistematização assume caráter estratégico, na medida em que confere visibilidade a situações historicamente silenciadas e cria subsídios para a formulação de políticas públicas, ações afirmativas e futuras pesquisas, configurando-se como um instrumento fundamental para a defesa da dignidade e da proteção patrimonial das Comunidades Tradicionais de Terreiro em Codó.

3.3 “Caminhos abertos” e diretrizes para políticas públicas de combate ao racismo religioso em Codó sob a perspectiva da Geografia Antirracista

Este subtópico direciona-se à discussão e proposição de estratégias de combate ao racismo religioso, com base na realidade de afroreligiosidades codoenses.

Os resultados obtidos por meio das entrevistas permitiram entender que exige intervenções urgentes e o comprometimento do poder público municipal, cuja omissão institucional tem sido fator significativo de perpetuação da vulnerabilidade das Comunidades Tradicionais de Terreiro. As lideranças destacaram que apesar da vigência de leis federais como a nº 7.716/1989 e a 9.459/1997, que criminalizam a discriminação religiosa, a proteção e a aplicação dessas normas em nível local são insuficientes.

Um dos pontos mais sensíveis revelados foi a questão do apoio financeiro. Ficou evidente a disparidade entre os recursos e o apoio destinado a certas religiões (notadamente as evangélicas) em comparação com o quase total desamparo às Comunidades Tradicionais de Terreiro. Essa negligência configura uma forma de racismo institucional, violando o dever do Estado de garantir o tratamento equânime a todas as manifestações religiosas e de valorizar as comunidades como patrimônios culturais do município.

Para reverter esse quadro de violência e desamparo, a pesquisa propõe estratégias que se articulam em duas dimensões institucionais: o cultural e o educacional. No primeiro, sugere-se a criação de um Centro de Cultura Afro-Brasileira no município.

Este centro seria um equipamento estratégico, provendo não apenas um espaço físico de diálogo e expressão para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, mas também um ponto focal para o acesso a recursos destinados à cultura e um local formalizado para a apresentação de suas demandas específicas ao poder público. A concretização do centro significaria o reconhecimento das Comunidades Tradicionais de Terreiro como patrimônios culturais, históricos, geográficos e religiosos, e não mais como grupos à margem.

No plano educacional, a estratégia visa o longo prazo e a desconstrução do preconceito na base social. A proposta é o efetivo cumprimento da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, através da realização de feiras culturais em escolas em parceria com a prefeitura. Essa abordagem, que envolve diretamente as lideranças religiosas, assim como o desejo manifestado por um Zelador de Santo em ministrar palestras sobre o Terecô, é crucial para envolver o público jovem, promover o

respeito à diversidade e desenvolver uma consciência antirracista na comunidade codoense.

As publicações decorrentes da pesquisa, bem como o banco de dados podem ser utilizados como insumos para essas intervenções, fornecendo subsídios geográficos e sociais para a formulação de políticas públicas e ações afirmativas que garantam a proteção e a dignidade das religiões de matriz africana de Codó, bem como as comunidades que as integram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atingiu integralmente seus objetivos, demonstrando a relevância da Geografia Antirracista no estudo das tensões sociais e religiosas que envolvem Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó. O plano de trabalho do PIBIC permitiu não apenas a identificação e catalogação de casos de racismo religioso, mas também o aprofundamento de discussões sobre o Terecô e sua espacialidade como geografia de resistência.

A metodologia qualitativa de base fenomenológica, ancorada na Geografia Cultural Humanista, foi exitosa e adequada, pois possibilitou o mergulho em experiências vividas e territorialidades das Comunidades Tradicionais de Terreiro. A combinação do levantamento teórico com as entrevistas semiestruturadas e a observação participante forneceu um olhar comprometido com a realidade local, garantindo que as vozes das lideranças e praticantes de religiões afrocentradas de Codó fossem o centro das discussões e proposições.

Essa abordagem permitiu ir além da descrição dos fatos, interpretando os terreiros como lugares sagrados de profunda significância cultural e identitária, desafiando a lógica da marginalização imposta pelo racismo.

Os resultados alcançados são relevantes para o avanço da ciência, especialmente na Geografia. A pesquisa contribui para o fortalecimento da Geografia Antirracista no Brasil, oferecendo informações e dados sobre a manifestação do racismo religioso no interior do Maranhão, estado rico em afroreligiosidades, como é o caso do Terecô tradicional de Codó.

Durante a execução, algumas dificuldades foram observadas, notadamente a reserva e desconfiança inicial das comunidades, resultado de um histórico de violência e omissão do poder público. A superação dessas barreiras se deu através do compromisso ético da pesquisa, do diálogo constante e da construção de uma relação de confiança e respeito mútuo, reforçando o papel da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como parceira no combate ao racismo religioso.

Diante da complexidade do tema, a pesquisa abre caminhos para investigações mais específicas e aprofundadas. Sugere-se a realização de estudos que foquem na análise discursiva dos grupos religiosos que propagam o ódio, buscando compreender a estrutura teológica e retórica que sustenta o racismo religioso em Codó.

Outra via promissora é o aprofundamento da pesquisa sobre o racismo institucional nas esferas públicas municipais, em que poderiam ser estudadas as disparidades de apoio financeiro e a ausência de fiscalização.

Finalmente, pesquisas focadas em jovens de terreiro, por exemplo, seriam valiosas para entender como as novas gerações lidam com o racismo religioso e quais são suas estratégias de resistência cultural e política.

Em síntese, o trabalho se consolida como ferramenta de conhecimento e intervenção social, fornecendo subsídios concretos para que as Comunidades Tradicionais de Terreiro de Codó continuem a exercer sua fé e manter vivas as suas geografias sagradas.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Martina; LIMA, Conceição de Maria Teixeira; ZALIS, Lior Zisman. **Morada dos Léguas, terra de encantaria: religião e cidade em Codó (Maranhão)**. *Anuário Antropológico*, v. 49, n. 1, 2024. Disponível online.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

CORREIA, Fabiana Pereira. **Sentidos de lugar e geograficidades em políticas públicas de conservação da natureza: reverberações a partir das vivências de moradores da Área de Proteção Ambiental de Maracanã, São Luís - MA, Brasil**. 2020. 311 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos; 292).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”:Codó, Capital da Magia Negra?** São Luís: CMF., 2000.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Geografia Antirracista: métodos, metodologias e epistemologias**. Anais XXXII ALAS, Lima, Peru, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto, **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpex, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos** / Kabengele Munanga. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da geografia**. *Geografia*, Rio Claro, v.4, n. 7, p. 1-25. abr, 1979.

ROSENDAHL, Zeny. **Lugares sagrados e sacralizados: as múltiplas faces do simbolismo**. In: Uma procissão na geografia (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 jan. 1989. Disponível em: .

BRASIL. Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997. Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 14 maio 1997. Disponível em: .

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

TUAN, Yi. Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.